

Elizabeth Adler

ENCONTRO NA  
PROVENÇA

Tradução  
Inês Castro

*Quinta Essência\**

[www.quintaessencia.com.pt](http://www.quintaessencia.com.pt)

ISBN 978-989-8228-57-4  
(Edição original: ISBN 0-312-30811-6)

© Elizabeth Adler, 2004

Direitos reservados para Portugal  
QUINTA ESSÊNCIA  
uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.  
uma empresa do grupo LeYa  
Rua Cidade de Córdova, 2  
2610-038 Alfragide  
Tel: 21 041 74 10, Fax: 21 471 77 37  
*E-mail:* quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

*Título original:* Invitation to Provence  
*Tradução:* Inês Castro  
*Revisão:* Domingas Cruz  
*Capa:* Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

*1.ª edição:* Junho de 2011  
*Depósito legal* n.º 327 178/11

*Pré-impressão:* JCT  
*Impressão e acabamento:* Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Para Anabelle e Eric



Toda a minha vida passada já não é minha;  
As horas céleres desapareceram,  
Como sonhos transitórios terminados,  
Cujas imagens se guardam  
Apenas na memória.

JOHN WILMOT,  
conde de Rochester,  
«Love and Life» (1680)



## Prólogo

**N**ADA MUDA muito na aldeia de Marten-de-Provence. A esplanada do café tem agora cadeiras de plástico em vez de metal e o toldo é verde em vez de azul, mas o Café des Colombes é o mesmo, ainda pertence à família Jarré, que o explora há décadas, e a ementa simples também não se alterou muito em trinta anos. A mercearia de Allier, sob a arcada, ainda lá está, a fruta e legumes frescos nos seus engradados de madeira dispostos à entrada, em perfeita ordem, com os preços escritos à mão, a giz. A fonte com a sua bica de pedra pinga preguiçosa e um par de cães mandria à sombra perto dos velhotes de boina, sentados em bancos de madeira, cajados apertados nas mãos nodosas, vendo o seu pequeno mundo passar. As portas para a pequena igreja com o estuque cor-de-rosa a pelar estão abertas e uma mulher com um vestido estival amarelo sobe os degraus gastos transportando uma braçada de flores viçosas. A aldeia até cheira ao mesmo, a café e a frango assado, a tomilho pilado, melões maduros e cavalos.

Um muro comprido de pedra de um tom suave que confina os terrenos do solar corre ao longo da viela ao lado da praça, a partir da qual pequenas casas serpenteiam pelas ruas empedradas até às quentes encostas rochosas. E, cravada no cimo do monte

mais alto, fica Saint-Sylvestre, uma *village perché*, uma antiga fortaleza muito pequena, as suas muralhas enterradas profundamente na rocha. Hoje é um refúgio para artistas e turistas que vêm assistir ao festival anual de música no Verão, no antigo convento, que se ergue no meio de campos de alfazema, e cujo grande sino de bronze ainda dobra a assinalar a passagem do tempo.

Choupos ladeiam a viela que corre ao longo dos terrenos do solar e os seus ramos formam um túnel verde através do qual a luz do Sol se filtra como moedas de ouro disseminadas. Os grandes pilares encimados por grifos de pedra esculpida que marcam a entrada para o solar ainda ali estão, as feições gastas por séculos de cortantes ventos mistral e, a seguir, passando os grandes portões de ferro forjado, fica o caminho longo, forrado a ciprestes, que conduz, em linha recta, ao Château des Roses Sauvages.

Relvados salpicados de árvores estendem-se para a esquerda, avistando-se de relance o lago prateado a brilhar ao sol, e depois surge o solar, suave como um fresco antigo com as colinas rochosas em pano de fundo e, num plano mais afastado, as cristas salientes de montanhas púrpura.

A casa brilha, num tom de amarelo-ocre, à luz do entardecer, o telhado é inclinado e curvo. A água jorra musicalmente de uma fonte no terraço florido e castanheiros lançam a sua sombra acolhedora. Claro que, no Verão, as grandes portas estão sempre abertas para receberem a brisa e também, outrora, para acolherem os visitantes.

Agora, Rafaella Marten encontra-se sozinha no vestíbulo iluminado do solar. Um pássaro gorjeia lá fora, depois tudo cai em silêncio. Apoiada na bengala, Rafaella contempla a vista mágica do jardim, a *allée* de castanheiros com mais de um século de existência que conduz ao lago e à fantástica ponte japonesa, construída pelo bisavô, que faz a ligação a uma pequena ilha. Nas noites quentes estivais, quando era rapariga, atravessava a



ponte e dormia nua no pequeno belveder, protegida de olhares indiscretos, com uma brisa suave a estimular-lhe o corpo jovem e turbulento.

*Ah... a juventude, pensa Rafaella, sorrindo com a recordação, há tanto tempo... quando tudo parecia possível.*

O dia está quente, mas o chão de parquê desbotado parece fresco sob os pés nus, pois ainda hoje gosta de andar descalça. A saia vermelha meio aciganada rodopia-lhe em redor dos tornozelos quando caminha, a mesma saia que usava no dia em que conheceu o homem que se tornou o amor da sua vida e que, com toda a certeza, não era o marido.

Olha melancólica para a sua imagem reflectida nos compridos espelhos dourados estilo rococó pendurados a intervalos regulares no vestíbulo: o cabelo prateado apanhado num carrapito solto e a pele enrugada cor de pergaminho, o nariz forte que, mesmo na sua juventude, lhe conferira um ar arrogante, e a boca cheia e macia que o desmentia. Apenas os olhos são os mesmos, de pálpebras pesadas e com o azul do Mediterrâneo, que não se encontra assim a tantos quilómetros de distância e onde, outrora, nadara todos os dias gloriosos de Verão.

Rafaella vive agora sozinha no solar, apenas com Haigh, o seu mordomo inglês, amigo e companheiro mais querido, para cuidar dela. Haigh é um homem pequeno, vivo e empertigado, baixo, com membros esguios e o rosto magro e carenciado de um rapaz *cockney* pobre. É mordomo da família Marten há mais de cinquenta anos e é quase tão velho como Rafaella.

Não há nada que Haigh não saiba sobre Rafaella. Trabalhava na casa quando ela era jovem e cheia de vida e comandava o seu pequeno império: o solar e as vinhas. Acompanhou-a nos bons e nos maus momentos. Não tem segredos para ele.

O outrora a casa ressoara com os risos de crianças, os chapés e guinchos felizes vindos da piscina, o bater das bolas de ténis no campo de terra vermelha, o tinir do gelo em copos de *cocktail* quando o Sol se punha, vermelho como fogo, por cima das

encostas brancas pedregosas. Mas agora as portas estão trancadas, os quartos têm as portadas corridas, a mobília antiga e bela encontra-se amortalhada em capas protectoras. A família há muito que se foi, espalhada pelos quatro cantos do mundo, retalhada por escândalos relacionados com dinheiro e mulheres e por uma morte misteriosa.

Rafaella apoia-se na sua bengala, escutando os sons do passado. Ouve-se o tiquetaque de um relógio de parede. Uma abelha zumbe, encurralada na janela. A solidão paira no ar junto com o aroma de rosas silvestres que dão o nome ao *château*.

Afigura-se a Rafaella que o solar está a morrer por causa dessa solidão. Precisa de juventude e energia, amor e risos. Precisa de uma família para vencer o passado e recobrar a sua vida.

Tomando por fim uma decisão, dá meia volta, assobiando aos cães. Vêm a correr, as patas a rasparem no parquê fresco, o enorme boieiro de Berna castanho e branco a que chamou *Louis* porque as orelhas pendentes e os olhos emotivos o fazem parecer um dos antigos reis franceses. *Mimi* vem apressada atrás dele, um caniche fêmea miniatura, preta, uma mera fracção do tamanho de *Louis*, embora pareça não o saber. Nesta altura, em idade de cão, são quase tão velhos como Rafaella.

– Vamos, meus filhos – diz, a sorrir, porque no seu coração são seus filhos e amam-na como a sua verdadeira prole nunca amou. – Chegou a hora de agir.

Dirige-se para o seu quarto, senta-se à secretária. *Louis* afunda-se a seu lado, a ofegar, ao passo que *Mimi*, atraída pelas frívolas unhas escarlates, começa a lambe-lhe os pés. Da gaveta, Rafaella puxa os cartões grandes e quadrados de cor creme com a inscrição *Château des Roses Sauvages, Marten-de-Provence* gravada a azul-escuro. A seguir pega na caneta e, na sua caligrafia agora trémula, principia a escrever.

PARTE I

# Os Convites



*A paixão é uma moléstia. É sombria.  
Tem-se ciúmes de tudo.  
Não existe leveza, nem harmonia.*

GEORGES SIMENON



QUANDO O CONVITE que mudaria a vida de Franny Marten chegou à sua caixa do correio numa rua cheia de vegetação em Santa Monica naquele último dia de Julho, nem sequer reparou nele. Estava demasiado preocupada com o seu namorado de longa distância, Marcus. Ia encontrar-se com ele à noite. Marcus dissera que «precisavam de falar». «Então fala», respondera ela, a sorrir para o telefone, mas depois ele explicara que não era o momento certo e que, além disso, precisava de a ver. Agora Franny ruminava com nervosismo se existiria alguma coisa agoi-renta naquelas palavras.

Saía da clínica veterinária onde trabalhava e virou a cabeça como sempre fazia quando as portas de vidro se fechavam atrás dela, só para verificar se o seu nome lá estava. Ainda se emocionava quando via aquelas letras duramente conquistadas a seguir ao seu nome que diziam que era uma médica veterinária especializada, e sentia sempre um aperto no coração por o pai não estar lá para as ver também. Teria sentido tanto orgulho nela por se ter aguentado depois de ele falecer, deixando-a sozinha no mundo aos dezassete anos. Teria sentido orgulho pela forma como ela batalhara para acabar a faculdade e a especialidade, trabalhando em vários empregos, a tomar conta de

crianças, a limpar casas, a servir às mesas, qualquer trabalho que conseguisse arranjar para equilibrar as finanças e mesmo assim a situação fora sempre incerta.

Franny possuía o aspecto da loura típica da Califórnia, mas no íntimo era ainda uma rapariga de vila pequena no Oregon. Tinham decorrido dez anos desde que viera a guiar por ali abaixo numa sucata velha com aquele diploma recém-adquirido de veterinária no bolso, fora isso vazio, à procura de uma vida nova. Essa vida de sonho incluía êxito na sua nova carreira e, claro, amor e casamento, que conduziriam de forma automática a filhos e a «uma família». A esperança ia em especial para a questão da família, porque era algo que nunca tivera. Suspirou, pensando no seu sonho. Até agora, apenas a parte da carreira dera certo. Mesmo assim, talvez um em quatro não fosse mau.

Abriu a porta do seu *Explorer Sport* branco, retraindo-se quando o calor retido do dia ondulou para cima dela. Com o ar condicionado bem forte, a Kiss FM muito alto, carregou no acelerador e dirigiu-se para a Main. Claro que o trânsito estava infernal, mas não era o que sempre acontecia? Empatada no sinal, baixou o espelho e verificou a sua aparência. Cabelo louro fofoso, natural, puxado para trás numa trança grossa um pouco desalinhada. Manchas púrpura de fadiga eram visíveis por baixo dos olhos estreitos e compridos de um azul-água, uma característica que devia à sua mãe norueguesa. Estava com um aspecto horrível e sabia que Marcus repararia e comentaria o facto, pois Marcus era assim, descobria sempre os seus pontos fracos.

Na verdade, para além do azul-pálido dos olhos, do cabelo louro e do nome (a mãe fora uma grande admiradora de J. D. Salinger), Franny não devia muito mais à mãe nórdica, que os deixara por «melhores oportunidades» quando Franny tinha três anos. Morrera alguns anos depois e a jovem e solitária Franny não sentira absolutamente nada excepto, já mais velha, remorsos